

Sartre e o horizonte do humano: questões preliminares

Jackson Valentim Bastos
Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE
Email: cksnvb@gmail.com

RESUMO: Este artigo aponta para algumas considerações sobre a perspectiva de Sartre de existência humana. Especificamos alguns dos elementos centrais como responsabilidade, escolha, compromisso e *projeto*. Estes componentes são pensados a partir da afirmação de Sartre de que o homem é o inventor de si mesmo. A existência é uma construção contínua que procura completar o Nada em sua constituição ontológica. A responsabilidade, por exemplo, não é somente um fato individual, mas também social. Isto reflete a convicção de Sartre na atuação compromissada do intelectual e na execução de seu *projeto original*. São estes aspectos que queremos explorar.

PALAVRAS-CHAVE: Existência; projeto; escolha; responsabilidade; compromisso.

ABSTRACT: This article aims to some considerations about Sartre's view of human existence. We detail some of the central elements how responsibility, choice, commitment and project. These components are thought from the Sartre's affirmation that the man is the inventor of himself. The existence is a continuous construction that searches to complete the Nothing in his ontologic constitution. The responsibility, for example, is not only a individual fact, but also social. This reflects the Sartre's conviction in the committed perform of the intellectual and in the execution of his *original project*. These are the aspects that we want to explore.

KEYWORDS: Existence; project; choice; responsibility; commitment.

1

Em que medida pode-se afirmar que cabe ao homem ser o artífice de sua própria existência? Está unicamente em suas mãos a possibilidade de formatar os rumos do seu modo de viver ou o que lhe resta é apenas a tentativa de se definir posteriormente a uma constatação de si? A existência está em função de uma definição prévia ou ela a antecede e cria as condições para uma futura definição? Segundo Sartre (1984, p. 6) “O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo.”

Eis aqui o *homem sartreano* despojado de uma concepção pré-determinista. Ele é tal como sua vida se mostra, isto é, uma existência que não possui, *a priori*, uma essência inteligível. É sob essa condição ou *situação* que, a rigor, o domínio do humano é indefinível ou indescritível do ponto de vista formal. Esse exercício se traduz, antes, como um horizonte de busca no qual o humano sempre se projeta. Lançado espontaneamente ao mundo sob sua própria responsabilidade, ele se faz conhecer pelos atos de sua existência e é isso que ontologicamente o define. Ora, como, na perspectiva sartreana, se institui este estatuto, a princípio, indefinível do humano? Como a idéia de Nada se torna a noção-móvel da situação humana em sua significação última?

2

Sartre nos mostra, sobretudo, que a existência é uma construção a partir de um *projeto original* dado e, portanto, constituinte do próprio homem. Ela se caracteriza como um projeto que está em andamento e cuja totalidade jamais se completa inteiramente. É mais precisamente sob essa medida que podemos, enfim, situar a condição humana como preche de múltiplas possibilidades de realização. Se pensarmos que não é possível definir algo que não existe ainda, no caso do homem, a definição ocorre concomitante ao processo. Nessa direção, é o nada de ser do homem que se projeta enquanto abertura, como um evento que jamais se engessa absolutamente.

É em meio à constituição ontológica do homem que Sartre passa a identificar a presença do Nada. O que há no humano é uma ausência que deve ser preenchida. Ora, o âmbito demarcado pela negatividade é possibilitado pela atitude interrogativa que o homem exerce sobre si. Ao questionar a vida, seja na sua totalidade ou em especificidades, abre-se uma fenda para que o Nada se instale. Na tentativa de não se alienar de si mesmo, de voltar-se para si e ser o artífice de sua própria história, o homem se depara com uma incompletude que insiste em reafirmar sua condição de ser finito. O homem, em sua finitude, concebe o Nada

como estando no fundamento de sua constituição. Quando, por exemplo, reflete sobre o seu ser, a atitude de negação é uma possibilidade a ser sempre considerada como decorrente do ato interrogativo; ato que compõe o processo de reflexão e de posterior definição. Se o Nada é inerente ao ser do homem, podemos então considerar que é por meio da existência humana que ele vem ao mundo. Isto não significa dizer que o homem é o criador do Nada, mas que ao interrogar sobre o ser de sua existência e constatar a presença de sua negatividade, ele termina por investir o Nada de sentido. Cabe compreender, portanto, qual o devido estatuto dessa indeterminação do humano, isto é, que sentido ela realmente vem exprimir.

A idéia central aqui consiste em interrogar a natureza última da existência no sentido de inscrevê-la como um movimento incessante, pujante, ou seja, como processo de construção ou ainda de transcendência pela qual se torna possível cumprir o seu *projeto originário*. É aqui que o homem se desvela como radicalmente projeto que, uma vez condenado à liberdade, assume a consciência de fazer-se a si mesmo.

Ao rejeitar as concepções deterministas e se posicionar diante da facticidade o homem se expõe às diferentes situações geradas por uma gama de possibilidades. A facticidade é o acontecimento da contingência (o Em-si) que preenche o nada de ser do homem (o Para-si) ao ser apreendida por este sem, no entanto, o congelar numa identidade originária e determinista. Ela ocorre em vista da gratuidade da existência humana enquanto sendo, mas que poderia não sê-lo. Segundo Sartre “A facticidade é apenas uma indicação que dou a mim mesmo do ser que devo alcançar para ser o que sou.” (1997, p. 133). Isto aplica-se à comparação sartreana da vida como uma grande brincadeira cuja regra é brincar de ser o que não somos. Somente sob tais condições podemos ser algo, porque efetivamente nunca somos aquilo no qual nos situamos, já que em nosso ser persiste o nada constituinte. Ao mesmo tempo em que o homem rechaça o teor determinista dos fatores externos ele atrai para si a tarefa de ser o inventor de si mesmo. Ele adquire a consciência da construção de seu *projeto*, na medida em que também se coloca numa condição de suportar as contingências do mundo e a própria angústia de estar nele. É sob tais condições que o homem está condenado a ser uma existência livre de pré-determinações e à mercê de um movimento contínuo de transformação que a vida sempre requer. Podemos vir a ser o que fizemos de nós, sem, no entanto, alterar a nossa capacidade constitutiva de sempre nos refazermos diante das circunstâncias. É nessa perspectiva, portanto, que Sartre dá voz aos seus personagens criados em seus romances. Vejamos, brevemente, como esse elemento da facticidade se subjaz decisivamente na literatura filosófica sartreana, a partir de um texto seletivo: *A Idade da Razão*.

3

O tom absurdo da existência humana que deve ser afirmada livre de todo determinismo parece encontrar, nas produções romanescas e dramatúrgicas de Sartre, um fértil campo de reflexão em torno dos conceitos básicos de sua filosofia. Acredita-se que tais obras sejam mais do que aplicações práticas de seus conceitos. O modo como Sartre assume o seu próprio *projeto* pode ser um meio de justificar o valor que ele confere a sua produção de cunho literário. É importante ressaltar a concepção mais racionalista e menos poética que a caracteriza. O poder de significância que ele confere à palavra, como instrumento da prosa e do teatro, compromete a sua arte com uma função de cunho ético e político. Ela deve ser expressão fiel da condição humana e, sem enganos, levar o homem à tomada de consciência do caráter de seu estado. O engajamento de sua arte, na verdade, é extensão do comprometimento do seu próprio *projeto* de ser.

Boris é um dos personagens de sua obra intitulada *A Idade da Razão*. Ele é retratado como alguém que edificou a sua vida alicerçada na opinião comum de que, no que diz respeito à liberdade, “[...] é um dever fazer o que se quer, pensar o que se bem entende, ser responsável perante si próprio apenas, analisar permanentemente o que se pensa dos outros.” (SARTRE, 1983, p. 155). A concepção metafísica que Sartre confere ao homem não permite, no entanto, que seus personagens reproduzam tal modelo de comportamento com sucesso. As instâncias da realidade em que eles se inserem cobram muito mais do que o comportamento acima seria capaz de preencher.

Mathieu, outro personagem central na mesma obra, é o defensor de um estatuto puro de liberdade. Esta deve ser praticada a ponto de não se comprometer com nada ou com ninguém, sem que o faça movido por um sentimento de verdadeira inclinação pessoal ou de uma vontade própria livre de qualquer espécie de constrangimento da qual ele possa se tornar vítima. Se não somos vítimas do destino podemos, entretanto, nos tornar vítimas de nós mesmos. É assim que, a partir da circunstância de uma gravidez inesperada de sua namorada, a solidez das convicções de Mathieu é posta à prova. Apoiar o nascimento da criança e assumir um conseqüente casamento para a formação de uma família pode comprometer a pureza do que ele considera ser livre, já que a autenticidade de suas ações torna-se questionável. Na concepção sartreana, no entanto, assumir ou não tal mudança de vida são escolhas que não o privam de responsabilidade, pois constitutivamente ele já é um ser comprometido com as ações que demarcam o seu âmbito existencial. É bom ressaltar que, para Sartre, não agir já é uma ação, ainda que de teor negativo; não escolher já é uma escolha. Ao prezar essencialmente pelas motivações puras de suas escolhas e recusar os compromissos que afetam a autenticidade de suas relações, Mathieu acaba por representar “[...] a experiência

da liberdade como solidão e sem consciência de uma maior liberdade, o que, em definitivo, não é outra coisa que uma certa consciência de fracasso e solidão ao ser coisificado por sua mesma concepção pura de liberdade.” (MUÑOZ ARIAS, 1988, p. 45).¹ Mesmo Boris, que se sente ainda tão dependente do intelectualismo acadêmico de Mathieu, tende a considerar o movimento recondicionante do viver. Ele percebe a necessidade de conquistar a sua independência forjando seus próprios argumentos na defesa de seus vícios comportamentais. Ele é levado a admitir que, mais cedo ou mais tarde, a vida cobrará isso dele e se sente capaz de fazê-lo, ao contrário de Mathieu, pois, na sua opinião, este “[...] era tão perfeito quanto possível, mas não podia mudar ao mesmo tempo que Boris, não podia mais mudar, era perfeito demais.” (SARTRE, 1983, p. 158). É possível imaginar que Mathieu confunda independência intelectual com liberdade ou concluir que aquela apenas nos recobre de uma aparência enganosa de liberdade. A existência, mais do que o conhecimento que possuímos, não nos exime do compromisso e responsabilidade com nossa conduta diária. A contingência nos assola e as conseqüências de nossos atos nos afligem. Pode até ser possível mentirmos para nós mesmos, mas isto aponta para uma negação da condição básica da existência humana.

A condição subjetiva do homem é relevante no modo como este se posiciona diante de sua existência. O mundo contingente requer a tomada de consciência, pois sobre a subjetividade repousa o peso de se afirmar. Com isto, diz Sartre, “[...] queremos dizer que o homem, antes de tudo, existe, ou seja, o homem é, antes de qualquer coisa, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro” (SARTRE, 1984, p. 6). O homem que se situa de acordo com sua constituição ontológica, se adéqua ao seu *projeto original* consciente da *falta* que é o seu ser. Exposto ao mundo, busca preencher essa *falta* se projetando em vista daquilo que poderá realizar, ou seja, se lança intrepidamente como um sentido de não ser sempre aberto. Somente o homem que toma consciência do caráter de sua existência se insere nesse ciclo de interrogação e posterior definição da mesma. Sartre insiste que, para tanto, será preciso que ele assuma para si essa consciência. É a sua construção própria do sentido de sua vida, pois esta, de certo modo, seguirá o comportamento da subjetividade de cada um. Essa condição inerente à situação humana é o que permitirá a Sartre repensar, radicalmente, outro elemento chave que está presente em sua teoria ontofenomenológica do humano: a temporalidade.

4

O que Sartre ainda não deixa de tematizar é o dado factual de que a vida será o que cada um fizer dela e para fazê-la deve-se levar em consideração um outro âmbito, qual seja, o do porvir. Existir, interrogar e encontrar uma definição

para a existência humana são possibilidades, e como tais se inserem na condição de futuro presente na realidade humana. Se por um lado, não há um peso determinista que se arraste desde o passado e defina o presente constitutivo do homem, por outro lado, há um âmbito que favorece a inclinação humana em direção ao *fazer-se a si próprio*, conforme o *projeto original* de cada um. Para cumprir tal projeto, a subjetividade leva em conta esse lançar-se *diante de* que o aguarda no futuro, pois, antes disso, não há um âmbito constituinte que o impeça de realizar o trabalho de conceder sentido a sua existência, nem mesmo “[...] nenhuma inteligibilidade do céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser.” (SARTRE, 1984, p. 6). Não há uma força tal que o preencha previamente e pela qual ele possa se considerar completo, sem carências. A ausência no ser do homem sempre requer que ele traga à luz do existir um sentido sempre em processo de inacabamento que nada mais constitui senão essa dimensão de devir que impregna, a todo o momento, a significação última dessa situação projetiva que exprime a condição humana. Compete ao homem assumir e exercer o seu trabalho por todos os seus dias de vida. Encontrar a definição de sua essência é assumir a busca existencial, o vazio ontológico que define o homem e, desse modo, “[...] com a propriedade de nadificar o Nada, sustentá-lo com o seu próprio ser, escorá-lo perpetuamente em sua própria existência, um ser pelo qual o nada venha às coisas.” (SARTRE, 1997, p. 65). Existir e fazer-se a si mesmo é buscar um preenchimento, é desafiar o vazio, o não-ser; é ter sentido em meio à negatividade da qual o seu ser está encharcado; é conviver com a ausência, a falta e a impossibilidade da completude totalizante e ainda, assim, afirmar a sua presença no mundo. Somente com a morte cessa o processo, o ser torna-se cindido, fechado e nada mais é, já que “[...] o ser pelo qual o Nada vem ao mundo deve ser seu próprio Nada.” (SARTRE, 1997, P.65).

Sartre busca sempre reiterar essa tese: a de que o futuro ainda é o âmbito que possibilita as ações humanas. Cada homem é unicamente responsável por suas atitudes, mas também pelo modelo de humanidade que constrói. Não há como penetrar na subjetividade do *Outro*, agir por ele e responsabilizar-se por ele, mesmo assim, toda ação individual colabora para o *status* que uma sociedade alcança. Toda ação individual se projeta em direção ao *Outro* e reverbera no coletivo. O homem é autor e responsável por suas ações e pelas eventuais consequências para o todo. A liberdade que o constitui impede que ele seja um servo do destino, mas, por outro lado, impele a instalar-se totalmente sobre ele a responsabilidade pela existência, pois “[...] o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante.” (SARTRE, 1984, p. 9). É nessa perspectiva radicalmente sartriana que ao homem é conferida a incumbência de fazer-se a si mesmo e fazer o todo. Impor resistência simplesmente a essa condição, adverte Sartre, é recair numa atitude de *má-fé*, atitude que nada mais resulta na vã tentativa de mentir para si mesmo e para os outros, ou, ainda, de tentar fugir de sua

constituição primordial. O próprio Sartre afirma que: “[...] o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.” (SARTRE, 1984, p. 7). Um indivíduo compartilha a sua angústia de ter que escolher por si e pelo todo, com outros indivíduos que também se encontram na mesma situação. Pode-se dizer que cada sociedade é formada pelos indivíduos que merece, ou que cada homem vive na cultura que merece; ou, enfim, que cada sociedade é o quanto cada um de seus indivíduos fez por merecer.

5

À guisa de conclusão, não restam dúvidas de que é insuficiente permanecer na perspectiva individual de liberdade, pois isto seria reducionista e fugiria da concepção do humano que Sartre elabora. Sua obra literária, expressão viva de suas convicções filosóficas, está recheada de exemplos que são um resultado dessa elaboração. A partir de situações peculiares que se desenham em torno de seus personagens, percebe-se a amplitude dos elementos que se apresentam no horizonte do existir humano. Há sempre o cerco formado pelas coisas do cotidiano que são componentes da vida real. Há também os *Outros* que de algum modo nos afetam ou que são afetados por nós, tal qual um balé de subjetividades que se entrecruzam, mas permanecem longe da possibilidade de uma interpenetração. Então, o que pode ser compartilhado, além de nossa igualdade de limites? Ora, estamos, na verdade, diante da questão sobre o movimento incessante do projeto incompleto que constitui cada indivíduo e que nos aproxima. Assim, conforme Luciano Donizete da Silva:

[...] para superar as dificuldades inerentes ao *ser-para-outro*, Sartre aponta em sua literatura para a próxima figura de seus trabalhos técnicos que se anuncia: o grupo, e desse, a história (*Crítica da Razão Dialética*). Em *Sursis* Sartre mostra como os acontecimentos político-sociais interferem naquilo que se acredita ser a vida pessoal. Mostra ainda que, para além do homem, só há a *História* e essa está em curso; a situação se alarga: *ser-para-si* é ser livre e em situação, e a situação extrapola os projetos de vida individuais e se encaminha até a história da humanidade. (SILVA, 2006, p. 99).

Em suma, o sentimento que assola o homem diante de tal responsabilidade é comparado por Sartre com o de desamparo e de angústia e que como tais reafirmam a finitude da existência humana. Tentar afirmar o contrário ou fugir da responsabilidade conferida pelo estar vivo não reforma o estatuto do ser humano. Tomar consciência e assumir para si tal incumbência do existir é o que Sartre

reivindica para si e para todos os homens. Condenados a serem livres e responsáveis pela sua existência, aos homens compete doarem sentido as suas vidas individuais, o que não os afasta da responsabilidade social. Assumir tal tarefa é tomar para si a responsabilidade de ser o artífice de si e do mundo em que se vive. É buscar tornar-se o *projeto* que é sua mais íntima e plena definição.

NOTA

¹Tradução nossa

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MUÑOZ ARIAS, J. A. 1988: *Jean Paul Sartre y la Dialéctica de la Cosificación*. Madrid: Cincel.
- SARTRE, J.P. 1983: *A Idade da Razão*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- _____. 1984: *O Existencialismo é um Humanismo*. (Col. Os Pensadores). Tradução: Rita Correia Guedes. São Paulo: Abril Cultural.
- _____. 1997: *O Ser e o Nada* ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes.
- SILVA, L. D. da 2006: "Filosofia, Literatura e Dramaturgia: liberdade e situação em Sartre" *Revista Dois Pontos*, n. 2 v. 3, pp. 83-103.